

DIA DE FINADOS
02 DE NOVEMBRO DE 2025
JOÃO 5.24-29

1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A memória dos que combateram o bom combate (2Tm 4.7) antes de nós tem sido guardada pelos cristãos desde o princípio. O autor da carta aos Hebreus já chamou a atenção de seus ouvintes para a tão grande nuvem de testemunhas a nos rodear (Hb 12.1). O dia da morte, especialmente dos mártires, era guardado para lembrança de seu exemplo de fé. Conforme o tempo passava, o número desses exemplos de fé aumentava. Pelo quarto século, os cristãos já comemoravam mártires coletivamente. Mas foi lá pelo século VIII e IX que 1 de novembro se fixou no calendário da Igreja Ocidental como o Dia de Todos os Santos.

Contudo, foi no século XI (por volta de 1030) que Odilo de Clúnia, um abade beneditino que ficou no posto em Clúnia por 54 anos, estabeleceu o dia 2 de novembro como dia de orar pelas almas no purgatório e a data se popularizou na Igreja Ocidental. A origem do Dia de Finados está profundamente conectada com a piedade católica medieval de orações, missas, indulgências e sacrifícios pelos mortos. Tudo aquilo que desencadearia a Reforma encabeçada por Martinho Lutero no século XVI. O Dia de Finados acabou tendo a “honra” de ser mencionada por Lutero nos Artigos de Esmalcalde, onde ele critica como “**se ‘mercadejou’ com** relação ao purgatório — missas das almas, vigílias, ofício do sétimo dia, do trigésimo dia, ofício anual e, por fim, a semana comum, **o Dia de Finados** e o banho das almas” (AE, II, 2º artigo, [12]).

De forma geral, na Igreja Luterana o Dia de Todos os Santos seguiu naturalmente observado de acordo com a tradição muito antiga da Igreja e seu tom mais em sincronia com a doutrina bíblica. Já o Dia de Finados seria inviável a menos que totalmente ressignificado. Mesmo assim, é encontrado em lecionários luteranos, embora expurgar o Finados de seu sentido medieval original deixa ele praticamente com o mesmo sentido do dia anterior: um dia para lembrar dos crentes que nos precederam na fé e já partiram para estar com Cristo aguardando o dia da ressurreição.

Mas há algumas diferenças de ênfase. O Dia de Todos os Santos tende a focar mais nos mártires enquanto o Dia de Finados é mais abrangente, considerando todos os crentes que já partiram. O Dia de Todos os Santos também enfoca mais a comunhão dos santos (cf. Credo Apostólico) e a Igreja Triunfante, enfatizando mais a bem-aventurança dos que já estão com Cristo. Portanto, lembra dos que já partiram com uma ênfase mais alegre. Já o Dia de Finados enfoca mais a morte como último inimigo (1Co 15.26) e enfatiza o consolo para os que ficaram. Portanto, lembra dos que já partiram com uma ênfase mais sóbria. Por isso também poderíamos dizer que o Dia de Finados tem um enfoque mais pessoal (os entes queridos que eu perdi) enquanto o Dia de Todos os Santos é mais comunitário (a Igreja Triunfante que conosco é uma só comunhão dos santos). Na prática, dificilmente uma congregação observa ambos os dias, visto serem dois dias seguidos que, com o Dia da Reforma, formam uma trinca. Então, quando observado, todos esses temas acabam combinados em um mesmo culto ou mensagem. No Brasil, o Finados acaba mais conhecido que o Dia de Todos os Santos, que muitos luteranos até olham com certa desconfiança. É preciso resgatar o termo bíblico “santo” de sua conotação católico-romana a fim de falar numa observância desse dia. Além disso, o Finados é feriado nacional no Brasil, devido à herança católica de nosso país. E algumas congregações luteranas Brasil afora inclusive tem seus cultos de Finados. Mas é preciso estar atento, porque no imaginário popular de muitos luteranos ainda residem ideias rejeitadas desde os tempos da Reforma pelos protestantes. Alguns talvez achassem melhor ignorar ou rejeitar completamente qualquer uma dessas datas na Igreja, como a maior parte do evangelicalismo faz. O que é uma pena, pois deixa o calendário da Igreja sem a oportunidade de refletir diretamente sobre um assunto tão importante: a morte e os nossos entes queridos que já partiram. Buscando um lugar para lidar com essa parte da experiência humana, quantos já não acharam acolhida no espiritismo? O melhor talvez seria ir ao encontro dessa ânsia observando a data. Talvez com um tom menos apologético e mais catequético, poderíamos lidar com o tema como oportunidade para pregar o Evangelho.

Afinal de contas, a teologia da Reforma não erradicou a memória dos mortos da vida cristã. Na Apologia, Melanchton reconhece que “sabemos que os antigos falavam da oração pelos mortos, **que nós não proibimos**. O que desaprovamos é a aplicação *ex opere operato* da ceia do Senhor a favor dos mortos” (Apologia XXIV, 94). Por mais

estranho que isso soe aos nossos ouvidos, Chemnitz, no exame do Concílio de Trento, nos explica melhor isso que Melancton disse por alto: “as orações dos antigos pelos mortos não eram satisfações pelos pecados dos mortos, nem redenções de suas almas do fogo do purgatório, mas celebrações públicas, aplicações e selamentos das promessas divinas sobre o perdão dos pecados, o repouso e a salvação daqueles que morreram piedosamente: eram instruções e exortações para os vivos; eram consolações e fortalecimento para os enlutados; e eram declarações de afetos bondosos da mente para com os que partiram” (Martin Chemnitz, Exame do Concílio de Trento, volume III, section II, chapter VII, 12). Com isso em mente, adentremos os textos para o Dia de Finados com vistas à pregação.

2 LEITURAS DO DIA

2.1 Salmo 34.1-9

O salmo costuma ser o texto que menos nos dá contexto. Às vezes não temos sequer um autor. Aqui temos uma exceção. O salmo 34 nos dá um contexto muito específico: “Salmo de Davi, quando se fingiu de louco na presença de Aimeleque e, por este expulso, ele se foi.” O caso está 1 Samuel 21. Saul começou a ficar com muita inveja porque o povo enaltecia mais Davi do que a ele, cantando: “Saul matou os seus milhares, porém Davi, os seus dez milhares” (1Sm 18.7). Saul já tinha tentado matar Davi mais de uma vez. Com a ajuda de Jônatas, Davi foge. O primeiro lugar para onde vai é a casa de Deus em Nob, onde o sacerdote Aimeleque lhe dá dos pães da proposição para se alimentar e a espada de Golias para lutar. Dali, Davi vai para território filisteu, para Gate. Acontece que os milhares que Saul matou enquanto Davi matou dezenas de milhares eram filisteus. Eles reconheceram Davi e foram contá-lo ao rei Aquis. Fugir de Saul para se meter em Gate foi como pular do caldeirão de água fervente direto para a frigideira de óleo escaldante. Davi escapa fingindo-se de louco, uma medida criativa, mas também desesperada. É logo depois disso que Davi compõe o salmo.

Todo esse contexto nos ajuda a entender duas coisas: as palavras de Davi nesse salmo e como ele se encaixa no Dia de Finados. Davi diz que buscou o Senhor (v.4) e que

é bem-aventurado quem nele se refugia (v.9). Isso ganha uma conotação mais profunda se considerarmos que Davi buscou seu primeiro refúgio na casa de Deus. As palavras mais conhecidas desse salmo talvez sejam: “Provem e vejam que o Senhor é bom” (v.8). Considere isso sob o aspecto de que Davi comeu do pão sagrado na casa do Senhor. Agora considere a rica conexão com a Santa Ceia que isso proporciona. O primeiro lugar onde Davi se refugia é na casa do Senhor, onde é alimentado com o pão sagrado e armado com a espada de Golias para seguir sua jornada.

Esses versículos são cheios de enaltecimento de Deus e gratidão pelo que ele fez. Sem contexto, não pareceria a escolha mais óbvia para o Dia de Finados. Por que não “Preciosa é aos olhos do Senhor a morte dos seus santos” (Sl 116.15)? Mas começa a fazer mais sentido quando consideramos que Davi estava em um dos piores momentos de sua vida. Provavelmente nunca havia tido um pior até ali. Condição de espírito similar a quem está enfrentando uma grande perda. E esse momento não está no passado. Davi acabou de escapar do rei filisteu, mas Saul continua no seu encalço. Nesse contexto, as palavras de Davi são de louvor, gratidão e confiança. Que é a postura cristã diante da morte: “O Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor!” (Jó 1.21).

Algumas conexões interessantes com o Dia de Finados. Davi diante do rei filisteu está diante de um grande inimigo. Ele escapa fingendo-se de louco. No Dia de Finados, estamos refletindo sobre o cristão diante do maior e último dos inimigos, a morte (1Co 15.26). Ver Davi dando uma de louco diante do rei de Gate é como pensar num cristão gracejando na face da morte. Isso só é possível por causa do que Davi diz no v.7: “O Anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem e os livra.” Esse Anjo do Senhor, sabemos, é o próprio Senhor Jesus Cristo. Ele se acampa ao redor de nós e nem mesmo a morte tem poder definitivo sobre nós. Por isso nos refugiamos na casa do Senhor para sermos alimentados com seu corpo e sangue e armados com o necessário para seguir a jornada. Pois nada falta aos seus santos (v.9). Esse último versículo permite tanto uma conexão com o Dia de Todos os Santos, para ajudar a congregação a recuperar o sentido bíblico da palavra “santo”, quanto permite uma conexão com o Salmo 23, “nada me faltará” se o Senhor é meu pastor, um texto também de Davi muito usado em situações de morte.

2.2 Antigo Testamento: Isaías 35.3-10

Os ouvintes de Isaías sabiam como era uma deportação. Tinha acontecido por aquele tempo com os irmãos do norte, de Israel, derrotados pelos assírios. Em menos de um século, aconteceria com Judá também, pois cairiam para os babilônios. Isaías constantemente alerta quanto a isso. Ao mesmo tempo, Isaías também fala muito sobre um retorno do exílio. Palavras que certamente foram lidas com muito carinho quando finalmente aconteceu.

Nesse trecho, Isaías fala sobre o retorno do exílio. Lembre-se: Quando Isaías escreveu, a deportação de Judá ainda nem havia acontecido. Mas existem três níveis de cumprimento nessas palavras de Isaías. Num primeiro nível, fala sobre o retorno do exílio. “Os resgatados do Senhor voltarão e virão a Sião com cânticos de júbilo” (v.10). Tipo, “Animem-se, vocês serão levados, mas vão voltar.” Esse primeiro nível encontrou seu cumprimento no tempo de Esdras e Neemias, quando o povo de Judá voltou do exílio. Mas ainda havia mais naquelas palavras. Um cumprimento maior delas era esperado para a era messiânica. Quando João Batista mandou perguntar a Jesus se era ele o que havia de vir ou deveriam esperar outro, Jesus ecoou as palavras dos vv.5-6: “Voltem e anunciem a João o que estão ouvindo e vendo: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem” (Mt 11.4-5). Jesus veio carregar as nossas dores e enfermidades (Is 53.4-5) e cumprir essas palavras em um segundo nível.

Mas ainda há mais. “Ali não haverá leão; nenhum animal feroz” (v.9), “os impuros não passarão por ele” (v.8; cf. Ap 21.27) e outras palavras semelhantes que apontam para uma criação restaurada. É uma descrição escatológica da nova criação que ainda aguardamos. Por isso, continuamos examinando essas palavras para encontrar nelas a vida eterna (Jo 5.39). E, como Jesus disse, elas apontam para ele. O “Caminho Santo” (v.8) é Jesus (Jo 14.6). Era como a igreja primitiva via a si mesma, os seguidores do caminho (At 9.2, 19.9, 22.4).

Aplicado ao Dia de Finados, aqui temos Isaías proclamando o retorno do exílio antes mesmo da deportação enquanto alguns irmãos (o reino do norte) já estavam exilados. Esse texto, num terceiro nível, nos fala de quando nós retornaremos da morte na ressurreição e o faz antes mesmo de passarmos por ela, enquanto lembramos os irmãos que já partiram antes de nós. Aqui vislumbramos o dia em que estaremos todos juntos no Caminho Santo (em Cristo) adentrando os novos céus e a nova terra. Tudo porque o Caminho Santo já veio, foi e retornou do exílio da morte, a fim de termos nele a

vida eterna. A parte sobre o fim das consequências físicas do pecado (vv.5-6) é especialmente evangélica para quem tem que conviver com uma doença, condição ou deficiência por toda esta vida. No céu, estaremos livres de tudo isso!

2.3 Epístola: 2 Pedro 3.8-14, 18

O apóstolo Pedro escreve para cristãos atormentados por falsos mestres que zombavam da promessa da volta de Cristo. “Onde está a promessa da sua vinda?” (v. 4). Alguns estavam ficando impacientes, pensando que Deus havia esquecido o seu povo. Pedro coloca as coisas sob a perspectiva de Deus. Para nós é muito tempo, mas para ele, que é eterno, “mil anos são como um dia” (v.8). O que para nós parece demora, é a paciência misericordiosa dele para que todos cheguem ao arrependimento (v.9). Mas esse dia chegará quando menos se espera. A atual criação será desfeita para dar lugar a uma nova criação. Enquanto aguardamos esse dia, o apóstolo exorta vida piedosa (v.11) e crescimento na graça e no conhecimento de Cristo (v.18). O chamado a nos esforçarmos para sermos encontrados “sem mácula, sem culpa e em paz” (v.14) é um chamado à fé, pois apenas pela fé em Cristo, que nos perdoa e purifica de todo pecado, seremos assim encontrados.

Os adversários da fé podiam estar fazendo os cristãos duvidarem de Cristo, mas Pedro coloca as coisas sob perspectiva divina e incentiva a permanecerem firmes em Cristo. Pois quando menos se esperar, ele virá trazer novos céus e nova terra onde receberá aqueles “sem mácula, sem culpa e em paz”, ou seja, os perdoados em Cristo. Mas ao mesmo tempo que vivemos alertas pela chegada desse dia, não deixamos de viver nossa vida santificada para a qual fomos chamados aqui e agora.

Para o Dia de Finados, esse texto, assim como Isaías, volta nosso olhar para a vida eterna, com um vislumbre dos novos céus e nova terra. A perda de entes queridos pode fazer o tempo parecer interminável devido à saudade. Ansiamos reencontrar nossos amados. O texto exorta a permanecer firmes na fé em Cristo. Para nós é difícil ver as coisas da perspectiva de Deus, então apenas confiamos. É muito comum a perda de alguém fazer a vida parar, mas Pedro nos incentiva a estarmos constantemente prontos para o dia do reencontro sem deixar de viver a vida que ele nos deu agora. A descrição dos “elementos se desfazendo” (vv.10-12) aponta para o caráter bem concreto e físico

da vida eterna. Não seremos almas flutuando nas nuvens, mas seres humanos ressuscitados de carne e osso numa criação tão física quanto essa, mas uma onde “habita a justiça” (v.13).

2.4 Evangelho: João 5.24-29

Esta passagem está no meio do discurso de Jesus após curar o coxo em Betesda (Jo 5.1-18). Essa cura gerou controvérsia porque foi num sábado, e os líderes judeus acusaram Jesus de violar a lei e se igualar a Deus. Em resposta, Jesus afirma sua autoridade divina como Filho, igual à do Pai, especialmente no que diz respeito a dar vida e executar julgamento (vv. 19-30). Assim, o contexto imediato é uma defesa de sua condição divina de Filho: a voz do Filho dá vida, e o Filho tem autoridade para julgar, assim como o Pai.

Nessa passagem, Jesus fala de duas ressurreições. Já chegou a hora dos mortos ouvirem a voz do Filho e viverem (v.25). Essa é aquela que aprendemos a chamar de ressurreição espiritual. Já a recebemos desde o Batismo. Pela fé em Jesus, ressuscitamos da morte espiritual e vivemos nova vida no Espírito. Mas chegará o momento “em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a voz dele e sairão” (v.28). Essa é a ressurreição física do Último Dia. Note como é a voz do Filho que faz ambas as ressurreições acontecerem. É a mesma voz que disse, “Haja luz” (Gn 1.3). É a mesma voz que disse, “Levante-se, pegue o seu leito e ande” (Jo 5.8). É a mesma voz que diz, “Eu perdoo todos os teus pecados” na Absolição. É a mesma voz que diz, “Toma e come, isto é o meu corpo, dado por ti” na Santa Ceia. É a Palavra que nos ressuscitou espiritualmente no Batismo e nos ressuscitará corporalmente no último dia.

Sempre cabe fazer uma nota sobre o versículo 29: “os que tiverem feito o bem, [sairão dos túmulos] para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo.” É a mesma linha, para alguns luteranos desconfortável, do final do Credo Atanasiano: “e aqueles que fizeram o bem irão para a vida eterna, mas aqueles que fizeram o mal, para o fogo eterno.” Também assim na parábola do Grande Julgamento em Mateus 25.31-46. Parece uma doutrina de salvação pelas obras, mas é preciso lembrar que sem fé é impossível agradar a Deus (Hb 11.6). Tanto os salvos quanto os condenados tiveram sua cota de coisas boas e más que fizeram nesta vida,

embora nem todos na mesma proporção. Mas do ponto de vista de Deus, os descrentes não têm nenhuma boa obra, pois mesmo suas melhores obras sem fé não são realmente boas obras. Já para os crentes, no Juízo, terão restado apenas as boas obras que fizeram em fé. Os pecados estarão todos perdoados e esquecidos para sempre e Deus os recompensará pelas boas obras que, de antemão, Deus mesmo preparou para que andássemos nelas (Ef 2.10). Como lembrado anteriormente, seremos encontrados nesse dia “sem mácula, sem culpa e em paz” (2Pe 3.14) pela fé por causa do sangue de Cristo.

Talvez esse seja, dos quatro, o texto mais impactante para o Dia de Finados. Especialmente caso alguma celebração seja feita no cemitério. Imagine o impacto das palavras de Jesus em meio aos túmulos de que vem a hora em que a voz do Filho fará os que ali descansam se levantarem para a vida eterna. E com base nesse impacto proclamar que os que ouvem já desfrutam dessa vida eterna pois já ressuscitaram espiritualmente.

2.5 Tema comum das leituras do dia

A confiança em Cristo mesmo em meio às situações mais difíceis da vida, como a morte (nossa ou de um ente querido). Nosso olhar é voltado para o dia da ressurreição e a vida eterna nos novos céus e na nova terra. Somos fortalecidos na nossa confiança em Cristo e na sua Palavra, através da qual seremos encontrados sem mácula, sem culpa e em paz e ressuscitaremos para a vida.

3 SUGESTÃO HOMILÉTICA

Dia de Finados é dia de lembrar aqueles que partiram. A perda de entes queridos muito próximos, para muitos, pode praticamente dissolver a vida. Ficamos presos na saudade, desejando acima de tudo poder reencontrar aqueles que perdemos. Em Cristo, temos a promessa de que vamos. Mas enquanto esse momento não chega, a vida precisa continuar. Algumas palavras evangélicas podem nos fortalecer. Já ressuscitamos espiritualmente. Portanto, já vivemos a nova vida com Cristo que será

nossa eternamente. Já fazemos parte da mesma comunhão dos santos que nossos entes queridos que já partiram. Na Mesa do Senhor essa comunhão se manifesta de forma muito especial. É como uma grande mesa redonda da qual só vemos metade, aquela onde a Igreja Militante está comungando. Mas invisivelmente, na outra metade, a Igreja Triunfante também está em comunhão conosco no Sacramento. Pois onde está Cristo, está toda a Igreja de Cristo, tanto sua dimensão Militante quanto a Triunfante. Existe consolo nisso para quem sente saudade de seus entes queridos. Eles estão em comunhão conosco na Mesa do Senhor. Por isso, o melhor lugar para celebrar essa data nem seja no cemitério, mas no Altar do Sacramento. Esse refrigério evangélico que encontramos na Casa de Deus nos fortalece para continuar vivendo a vida que o Senhor ainda nos dá aqui de forma santa e piedosa crescendo na graça e no conhecimento de Jesus, aguardando pelo dia em que a mesma voz que nos chamou à vida Batismo e chama na Santa Ceia, nos chamará dos túmulos para a vida eterna com Cristo e nossos entes queridos nos novos céus e na nova terra.

Charles Samuel Voigt Ledebuhr

Alto Barra Encoberta, Itarana/ES